

**VEREADOR ROBERTO ROBAINA (PSOL) – Comunicação de**

Líder, pela oposição: Vereadores, vereadoras, público que nos assiste na TVCâmara, eu creio que aqui foi inaugurado um debate e me parece que a Câmara de Vereadores tem, sim uma certa obrigação de discutir, porque nós estamos na América Latina, num quadro de crise muito grave. E, ao mesmo tempo, eu creio que nós, como vereadores, temos a obrigação de discutir os rumos do nosso País, porque o Brasil está inserido num contexto que é esse contexto

de crise e de grande descontentamento social. Aqui, eu creio que alguns vereadores insinuaram a defender o modelo chileno, e o próprio governo brasileiro, o ministro da economia, o Paulo Guedes, o presidente Bolsonaro, e a grande mídia brasileira sempre enalteceu o Chile como modelo; um modelo a ser seguido pelo Brasil. E nós estamos vendo uma rebelião popular – no Chile –, uma rebelião popular muitíssimo potente. Antes disso, e antes de seguir falando sobre o Chile, vale lembrar que também o governo brasileiro e a grande mídia das grandes corporações empresariais enalteciam o presidente da Argentina, o Macri, como modelo a ser seguido, e na Argentina nós vimos grandes mobilizações sociais, agora tudo indica que o Macri irá perder as eleições, inclusive, para aqueles que governaram antes a Argentina, e que tiveram experiências, inclusive, muitas críticas de governo. Não foi uma experiência modelar, a experiência dos governos K, na Argentina. Mas o modelo neoliberal, radical, foi tão desastroso para o país vizinho que o povo argentino quer dar um basta no modelo através da derrota do Macri, e é o que vai ocorrer na Argentina agora. No Chile a mesma coisa! No Chile ainda forte. As mobilizações no Chile são as maiores desde os anos 1990. Já conta: são 15 assassinatos, nessas mobilizações; mesmo assim as mobilizações não pararam, o nível de repressão foi muito brutal, têm sido muito brutal, a repressão contra essas manifestações, apesar disso o povo chileno segue lutando, e no dia de hoje, segue lutando, embora ontem esse presidente, neoliberal, Piñera, tenha anunciado na televisão uma série de medidas de concessões. Primeiro, abandonou o decreto de aumento das tarifas de metrô, e agora anunciou o aumento de aposentadoria, o estabelecimento de uma cesta básica mínima, pedindo desculpas ao povo chileno. Esse mesmo Presidente, adorado por muitos da política tradicional brasileira e reivindicado pelo atual governo brasileiro como um grande presidente, disse, no dia anterior, que as manifestações contra

ele no Chile eram expressões de uma guerra, disse que o Chile estava em guerra e que, diante da guerra, era necessário enfrentar com repressão aqueles vândalos manifestantes. Um dia depois, esse mesmo presidente, diante da capacidade de luta do povo chileno, foi à televisão pedir desculpas. Apesar de pedir desculpas, evidentemente, o povo chileno não é idiota, o povo chileno tem muita consciência e segue nas ruas contra o modelo neoliberal. Então, não se dar conta de que há uma crise do neoliberalismo é um erro brutal. Há, sim, uma crise do modelo neoliberal, tanto é assim que nós, na América Latina, temos a experiência do Peru onde também vários presidentes que tentaram aplicar o plano neoliberal foram derrubados, e nós tivemos recentemente uma rebelião indígena e camponesa e popular no Equador contra também o aumento dos combustíveis em 123%, e essa rebelião equatoriana também obrigou o governo a recuar. Digo isso, porque o nosso País está num barril de pólvora, não vamos nos enganar. Eu vejo muitos dizerem que o povo brasileiro não vai se mobilizar, o povo brasileiro deixa passar tudo. Isso é falso, nós já tivemos, no Brasil, um primeiro ensaio geral de rebelião como estamos vendo no Chile, no Equador, no Peru, que foram as mobilizações de junho de 2013. Pois, aquelas mobilizações de junho de 2013 serão pequenas diante do vulcão que está se preparando, a erupção de um verdadeiro vulcão no País, e achar que isso não vai ocorrer é um enorme engano. Nós, do nosso ponto de vista, como PSOL, estamos, sim, conscientes da necessidade de constituir uma institucionalidade totalmente diferente da institucionalidade atual que está de costas para os interesses populares. É preciso, sim, respeitar o povo e construir uma institucionalidade capaz de representá-lo. Muito obrigado.

(Texto sem revisão final.)